Pais & Filhos

A revista mensal da família moderna

aprenda a dominar seu ciúme

suplemento especial para adultos

COMO FALAR DE SEXO COM AS CRIANÇAS

Ano 1 / Número 1 / Setembro de 1968 / NCr$ 2,00

MEU FILHO PENSA QUE SEI TUDO

sérgio buarque de hollanda

"chico buarque meu filho"

Sérgio Buarque de Holanda, o pai do Chico, pode discordar do quase autoretrato pintado por seu filho em Roda Viva, **por achá-lo meio exagerado, porque uma coisa é certa: êle sabe como ninguém o que há por trás daqueles olhos verdes em rosto de menino bem comportado. Para Sérgio a imagem de sua criança é um pouco diferente da que o grande público certamente imagina, pois só a família sabe que Chico cantou antes mesmo de falar e passava o tempo riscando no papel cidades imaginárias. Tôdas tinham uma fonte no meio da praça, lembrança da infância vivida em Roma. Queria ser arquiteto mas quando lhe deram o primeiro violão, todos os projetos perderam a luta contra o samba.**

A imagem que o público fixou de meu filho Chico não é correta. Para o público, Chico é tímido (antes de tudo, tímido), bonzinho, retraído. Nada disso. Pelo menos em família e com os amigos, é completamente diferente, um rapaz brincalhão, extrovertido, bem para fora. Quando êle aparece em público, torna-se diferente. Talvez seja o mêdo de parecer ridículo. Mas podem crer, êle não é tímido, nem bonzinho. É, sem dúvida, uma boa pessoa. Mas não bonzinho, no sentido em que esta palavra é interpretada.

Quando criança, jamais foi um rebelde. Posso assegurar que se tratava de uma criança normal. Procurava sempre ser independente. E essa independência êle afirmava, procurando fazer tudo o que faziam os irmãos mais velhos. Nem um "amor de criança", nem um *enfant terrible*. Normal. Não era nem ligado ao pai nem à mãe. Dava-se bem com todos. Com as irmãs, tias e avós.

Quando viajamos para a Itália (nesse tempo tinha oito anos), deixou para a avó um bilhete: "Avó, vou para a Itália. Quando eu voltar, provàvelmente a senhora estará morta. Mas não se preocupe. Eu vou me tornar um cantor de rádio. É só a senhora ligar o rádio do céu que vai me escutar."

Desde menino, sempre se interessou por música e futebol. Jôgo, não perdia uma irradiação. Seus ídolos eram Telê, do Fluminense, e Pagão, do Santos. Na Itália, torcia pelo Gênova. Da música popular, seus ídolos principais eram Ismael Silva, Caímí e Ataulfo Alves. Mais tarde, João Gilberto, de quem procurava imitar o estilo.

Não acredito que Noel exerça influência sôbre Chico. A maior semelhança entre os dois é a temática: urbana. Caímí, Ataulfo e Ismael marcaram mais que Noel. Chico também não é um compositor de classe média, como afirmam por aí. Não há dúvida. Noel e Chico também se assemelham um pouco, porque ambos enfocam temas urbanos. Nada mais. Aliás, há no Brasil uma mania de Noel! Qualquer compositor que surge é imediatamente comparado com o grande criador carioca. Creio que há um pouco de exagêro em tudo isso.

Quando surgiu a bossa nova, Chico se encontrou com ela. Apreciava muito João Gilberto e ouvia-o seguidas vêzes. Vinícius, muito amigo da família, aparecia sempre em festas e Chico ficava a ouvi-lo, com grande admiração.

Desde cedo, Chico já tinha namorada. Sempre foi muito vivo e alegre. Jogava futebol nas ruas, como todos os garotos de sua idade. Quanto aos estudos, dedicava-se a êles principalmente às vésperas de exame. Estudava duas ou três horas seguidas, depois cansava e ia se divertir. Em 1962, quando terminou o curso científico, foi o orador da turma, provocando muitas risadas com seu discurso cheio de humor.

O sucesso não o mudou essencialmente. Chateia-o um pouco, apenas. Hoje, não pode sair às ruas sem que lhe venham pedir autógrafos. Para ir à praia, há dificuldades. Só em São →

Conrado. Bem longe. Continua fiel aos amigos, embora não tenha muito tempo para se dedicar a êles. Assim que chega a São Paulo, telefona para todos, organiza noitada com êles. Chico sempre viveu em bando, com muitos amigos, uma verdadeira turma.

Sua formação é, sem dúvida, paulista. Nasceu no Rio, mas quando completou dois anos, mudamos para São Paulo. Aqui, passou tôda a sua infância. Preferiu fazer o científico porque achava que o curso clássico era coisa de mulher. Dado momento, escolheu um ramo bem aproximado do artístico: arquitetura. Ficava em casa criando cidades imaginárias. Tôdas tinham uma fonte no meio da praça: lembrança das fontes de Roma, onde moramos algum tempo.

Chico, em vez de começar a falar, cantou. Desde que tentou se expressar foi através da música. Mais tarde, ficava com as irmãs aí pela sala, inventando música. Dizia que já que não conhecia de cor músicas de outros compositores, era obrigado a inventar as próprias. O sucesso veio de repente, sem que ninguém esperasse.

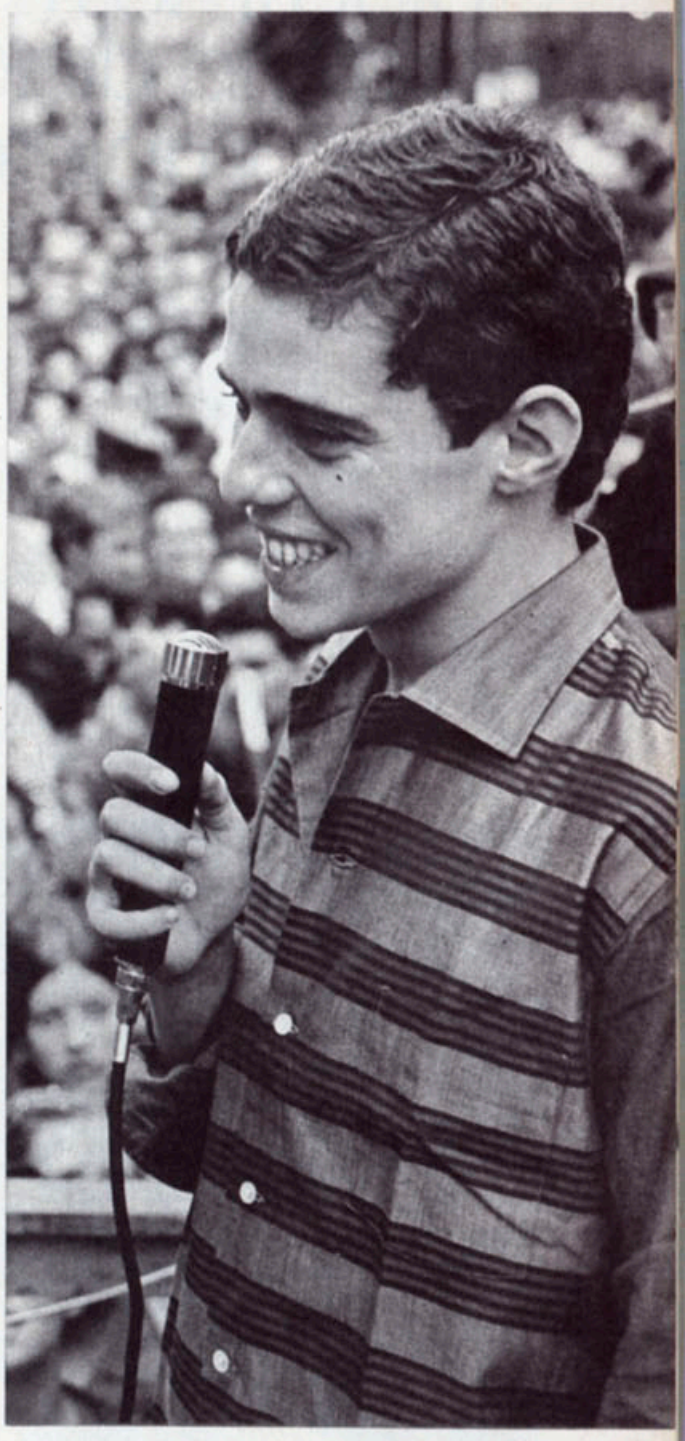
Recebi a notícia de que Chico tinha ganho o Festival de Música Popular Brasileira com *A Banda,* quando estava em Nova Iorque. Um jornal norte-americano publicou a notícia. Claro que me senti muito orgulhoso. Cheguei à conclusão — o que uma revista publicou na época — de que, antes, êle era meu filho. E depois do Festival, eu passei a ser o pai dêle. Não há posição melhor.

Têm surgido boatos por aí, que eu componho as músicas para êle. Mas, meu Deus, quem sou eu para ter tanto talento? Se eu soubesse escrever músicas como êle, há muito tempo não seria eu mesmo, mas Chico Buarque de Holanda. São boatos sem fundamento, como muitos que vão por aí. Como essas notícias que circulam, afirmando coisas que jamais afirmamos. Um jornal carioca publicou que, após ver a peça *Roda Viva,* eu tinha dito: "Eu sabia que havia tudo isso aí dentro do meu filho." A frase talvez pudesse ter sido dita por mim, mas que não disse, não disse.

Das suas músicas tôdas, gosto mais de *A Banda, Pedro Pedreiro, Roda Viva* e *Carolina.* Nunca me esquecerei do dia em que ouvi *A Banda* pela primeira vez, em Nova Iorque, na casa de um amigo. Foi uma grande emoção. Não obstante todo o sucesso, o qual não lhe provoca muito prazer, é bem capaz de Chico largar tudo isso e partir para uma outra coisa qualquer, bem diferente. Êle é bem capaz disso. Muito inquieto. Muito inteligente.

Sempre gostou muito de ler. Guimarães Rosa é um de seus autores preferidos. Quando fêz *Pedro Pedreiro,* inventou uma palavra: penseiro. Talvez inspirado em Guimarães Rosa, que também era dado a inventar palavras. Tolstói e Dostoiévski também eram seus favoritos. Assim como Kafka. Em geral, êle ia lendo tudo o que caía em suas mãos.

A música é responsável por êle ter abandonado o curso de Arquitetura, decisão que tomou sòzinho. O sucesso abriu uma impossibilidade de estudar. Excessos de compromissos,



Colocamos muitas atrações extras no dicionário mais completo do Brasil.

À EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 8120-São Paulo
Peço enviá-lo, gratuitamente a:

Apreciaria conhecer o folheto a côres sôbre o NÔVO DICIONÁRIO BRASILEIRO MELHORAMENTOS.

Nome _____
Rua _____ n.º _____
Cidade _____ Estado _____
Profissão _____

PF

solicitações. Creio que, na música, êle se realiza mais, se torna muito mais feliz. É preferível um compositor realizado, que um arquiteto frustrado, como todo mundo sabe.

Quando vai compor, geralmente fica isolado, no quarto, sòzinho. A música e a letra sempre nascem juntas, uma ligada à outra, indissolùvelmente. Encontrou grande dificuldade em musicar *Vida e Morte Severina,* porque a letra não era sua. Desde que aprendeu a tocar violão, com sua irmã Heloísa, hoje casada com João Gilberto e morando em Nova Iorque, nunca mais deixou de compor.

Sua adolescência foi normal, sem nenhum conflito especial. Posso considerá-lo um rapaz feliz. Suas primeiras composições falavam de amor. Mais tarde, quando ingressou na faculdade, passou a fazer música de participação, sendo que a primeira foi *Pedro Pedreiro.*

A família ficou um pouco tonta com o sucesso tão fulminante, tão rápido. Mas já nos acostumamos. Chico é que não se habituou a êle. Ficou muito contente de ter ido a Paris, porque ninguém o conhecia lá. Talvez o sucesso tenha provocado uma espécie de defesa, tornando-o um pouco retraído. De fato, meu filho não é tímido. É bem diferente a imagem que temos dêle. Trata-se de uma pessoa normal, alegre, sem problemas graves de personalidade. Eu sei o que estou falando. Sou seu pai há 23 anos. ■